

VALORIZAR SOCIALMENTE O DESPORTO:
UM DESÍGNIO NACIONAL

6

O DESPORTO NA DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA



ÍNDICE

CONTEXTUALIZAÇÃO	3
NOTA INTRODUTÓRIA DO AUTOR.....	5
DESPORTO E A LÍNGUA PORTUGUESA.....	7
A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DO FUTEBOL NO SÉCULO XX.....	9
PELÉ NO BRASIL, EUSÉBIO EM PORTUGAL	10
O ATLETA NEGRO	11
A DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA	14
CONCLUSÃO	21

CONTEXTUALIZAÇÃO

Foi a 23 de agosto de 2013 que a Assembleia Geral das Nações Unidas tomou a decisão histórica de aprovar a criação de um Dia Internacional do Desporto para o Desenvolvimento e a Paz.

Ficou então decidido que, a partir daquele dia, o Dia Internacional do Desporto para o Desenvolvimento e a Paz seria celebrado a 6 de abril, por ter sido o dia da cerimónia de abertura dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em 1896, em Atenas.

No âmbito desta decisão, a AG das Nações Unidas relembrou ainda o papel fulcral que o Comité Olímpico Internacional desempenha na promoção de estilos de vida saudáveis e na criação de acesso ao desporto ao maior número de pessoas possível em todo o mundo.

Após a decisão das Nações Unidas, Jacques Rogue, Presidente do Comité Olímpico Internacional, acompanhado do n.º 1 do ranking mundial de ténis, Novak Djokovic, afirmou que “o verdadeiro valor do desporto é determinado não por palavras escritas, mas pela forma como o desporto é praticado. Sem valores, o desporto é um combate com outro nome. Mas com valores, é um caminho para o entendimento cultural, educação, saúde e desenvolvimento económico e social. Vemos o verdadeiro valor do desporto e da atividade física várias vezes. Ajuda os jovens a aprenderem o valor da autodisciplina e da definição de valores. Ajuda a construir autoconfiança. Coloca em causa os estereótipos de género. Oferece uma alternativa ao conflito e à delinquência. Ajuda a trazer esperança e um propósito aos refugiados, comunidades pobres e outras pessoas com necessidades. Ajuda os jovens nas escolas, aporta saúde”.

O Dia Internacional do Desporto para o Desenvolvimento e a Paz é então entendido como um complemento ao Dia Olímpico, celebrado anualmente a 23 de junho em todo o mundo, onde milhões de pessoas participam em atividades várias, promovidas por cada Comité Olímpico nacional.

Em 2015, O Comité Olímpico de Portugal assinalou o Dia Inter-

nacional do Desporto para o Desenvolvimento e a Paz com a organização de uma conferência proferida por Vitor Serpa, jornalista e diretor do Jornal A Bola, diretor-geral do *site Bola online* e do canal *Bola TV*.

A temática abordada nessa circunstância foi “O Desporto na Descolonização Portuguesa”, texto que agora se disponibiliza a todos os interessados através da coleção – Valorizar Socialmente o Desporto: Um desígnio Nacional.

NOTA INTRODUTÓRIA DO AUTOR

Agradeço o convite do senhor presidente do Comité Olímpico de Portugal, Dr. José Manuel Constantino, para vos vir falar nesta casa que eu, na minha infância, conheci como um palácio de sonhos juvenis, o velho Salão Portugal, cinema de bairro, duplas sessões de filmes que pareciam projetados por uma velha fritadeira de batatas, os burros ainda com as albardas a descansar na sombra da parede virada a poente, a Garbo, no retrato colorido, a mirar-me, lábios vermelhos-cereja, cigarro displicente ao canto da boca numa sedução para mim tão evidente quanto irresistível.

Dessa casa de sonhos se fez, pois, esta sede do Comité Olímpico de Portugal e por isso casa de sonhos continua a ser, agora o sonho dos que trabalham e lutam por um desporto com princípios, com ética, com nobreza de carácter, um desporto que procura honestamente o equilíbrio necessário no idealismo possível das novas sociedades ditas modernas, tão reticentes, às vezes, mesmo, tão avessas à construção da dignidade humana.

A missão de que me ocupo, hoje, é uma missão particularmente difícil. Quero que saibam que tenho bem a consciência da dificuldade e da responsabilidade de usar, quiçá, mesmo, abusar deste palco para vos trazer uma mensagem digna, capaz de assinalar este DIA INTERNACIONAL DO DESPORTO PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ, evitando o discurso meramente institucional, politicamente correto, defendido estrategicamente de conflitos de opinião, convergente com tudo e com todos.

A resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, ao indicar o dia 6 de abril de cada ano, data, aliás, particularmente representativa do desporto olímpico, como o dia internacional do desporto para o desenvolvimento e a paz, não nos deve sugerir, muito menos permitir a vulgaridade.

O desafio torna-se, por isso, mais arriscado. Enfrento-o, porém, com a convicção da vossa benevolência e da vossa tolerância.

O DESPORTO E A LÍNGUA PORTUGUESA

Por razões que facilmente se reconhecem na minha vida profissional, tenho-me aproximado, nestes últimos anos, da concretização de um velho ideal, consagrando o esforço, o conhecimento, o estudo, a um projeto global de comunicação do desporto capaz de interessar e envolver a maioria dos países e diversas regiões do mundo ligados histórica e culturalmente pela língua portuguesa.

Ao longo dos últimos dez/quinze anos foi-me possível realizar experiências editoriais específicas em Angola, Moçambique, Brasil, Cabo Verde, São Tomé, Guiné Bissau, Timor, Macau e Goa.

A princípio, ainda numa fase embrionária, conseguiu-se uma presença editorial física, com edições de jornais em alguns desses países (ainda mantemos em Angola uma edição trisemanal de sucesso e que já leva 6 anos de existência), mas com o advento dos jornais *online* e do nascimento de um canal próprio de televisão, por cabo, passámos a diversificar essas experiências, publicando novos e mais específicos conteúdos jornalísticos nas diversas plataformas. O resultado é surpreendente. Nunca antes tínhamos tido um mercado tão numeroso e tão diverso. Um país de pequena dimensão populacional como Cabo Verde e com uma pesada percentagem de iliteracia marca o dia-a-dia da BOLA *online* com vinte e cinco mil visitas. Países como Moçambique ou Angola conseguem atingir, cada um, cerca de 2 milhões de visitas por mês e se a estes países juntarmos o Brasil conseguimos chegar, mensalmente, ao número impressionante de 46 milhões de *pageviews*.

A questão que estes números levantam, não é tanto o do sucesso editorial de um jornal em particular, mas algo que bem mais nos interessará debater: o desporto como identidade social e cultural de um conjunto de países ligados pela língua e pela História. Ou seja, ainda mais do que sensatamente considerava Calixte Bayala, a famosa escritora francesa de origem africana que venceu um grande prémio de romance da academia francesa e um grande prémio da Unicef, quando assinalava ser o desporto «um verdadeiro diálogo entre culturas».

Ora o que se encontra na realidade lusófona é, de facto, algo mais do que isso. Não apenas um diálogo entre culturas, o que já seria importante, mas uma verdadeira identidade cultural comum, como parte significativa de culturas diversas.

É, pois, sobre esta complexa realidade que me proponho falar-vos, procurando partir de uma realidade histórica que começa no período colonial e na curiosa experiência brasileira do futebol no século XX.

A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DO FUTEBOL NO SÉCULO XX

Quando Pelé se sagrou campeão do Mundo de futebol em 1958, na Suécia, tinha apenas 17 anos de idade. Nessa altura a seleção brasileira já tinha conseguido ultrapassar o estigma classista e racista que chegou a marcar o futebol do Brasil até aos anos vinte. Terá sido, provavelmente não por acaso, o Vasco da Gama, o clube mais português do Brasil, o primeiro a enfrentar a mudança de paradigma de um futebol que apenas consentia equipas de jogadores brancos.

Em 1923 foi, com não silenciado espanto, campeão carioca, com uma equipa de «negros, operários e suburbanos», como então lhe foi apontado pelos críticos.

Mesmo assim, apesar da reconhecida tolerância racial, um dirigente do Vasco proclamava, na época: «entre um preto e um branco, os dois jogando a mesma coisa, o Vasco fica com o branco. O preto é para a necessidade, para ajudar o Vasco a crescer».

A questão de introdução do jogador negro no futebol brasileiro e da sua influência, direta e indireta, na mudança cultural e social do Brasil, foi tratada num livro histórico de Mário Filho, o mesmo que deu o nome ao célebre Maracanã, prefaciado pelo notável sociólogo Gilberto Freyre.

Foi o crescimento do profissionalismo e a necessidade premente da sua evolução que acelerou a normalização da presença de jogadores negros nas equipas de futebol do Brasil e foi com a consagração

de alguns jogadores negros, cujo expoente máximo foi Pelé, que o Brasil se terá tornado uma nação menos permeável ao racismo, garantindo uma identidade mais aberta e plural.

Gilberto Freyre defenderia, mesmo, que não fora esse reconhecimento da qualidade e do talento do jogador negro e a consagração desse «jogo-instituição» e o Brasil poderia ter tido um percurso histórico racialmente bem menos tolerante do que os Estados Unidos.

«O canganceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com S. Paulo transformada numa sub-Chicago de Alcapones ítalo-brasileiros» - escreveu Freyre.

Não arrisco conclusões, mas admito que se possa, pelo menos, aceitar como realista e coerente a tese que defende o desporto em geral e o futebol em particular como um fator importante no crescimento do estatuto social do negro e do mulato nas sociedades do Brasil e de Portugal.

PELÉ NO BRASIL, EUSÉBIO EM PORTUGAL

Ora se a consagração universal de Pelé em 1958 fez de um negro um dos maiores ídolos de sempre do Brasil e um herói universal, em Portugal, poucos anos mais tarde, a consagração de Eusébio, no Mundial de 1966, já com a força mediática das transmissões diretas da televisão, trouxe ao Estado Novo o alento de um desejo de reconhecimento de um desígnio nacional e que já antes era proclamado, sem qualquer acolhimento no mundo, pelo embaixador Franco Nogueira: «o nosso primeiro princípio orientador é a igualdade racial».

Nos anos sessenta do século XX Portugal procurava então afirmar, no contexto internacional, a ideia de um país que se estendia, a sul da Europa, por uma «áfrica portuguesa», unido pela identidade de um só povo.

Eusébio era o representante máximo, o exemplo, a testemunha viva da «verdade política» criada e propalada pelo governo de Salazar. Um africano português, inteiramente adaptado à vida da capital,

reconhecido, respeitado, até mesmo idolatrado e, por isso, tão distante do homem africano que, nesse tempo, os portugueses viam, apenas, como polo de atração de anedota, caricatura ou de qualquer outro tipo de desvalorização da condição humana, aliás, impiedosamente retratada nesse filme atípico e autoflagelador do regime, que teve por nome «O Costa de África», com o inesquecível Vasco Santana como principal protagonista.

Eusébio era, enfim, mais uma forte razão para Portugal se orgulhar do seu «espaço multirracial».

O ATLETA NEGRO

Alguns historiadores portugueses têm vindo, recentemente, a estudar e a investigar a importância de uma eventual criação do paradigma de um atleta negro, verdadeiramente modelar, para maior afirmação internacional do estado multirracial no Portugal salazarista. As primeiras conclusões não são óbvias, mas parecem seguir na direção de meros circunstancialismos de conveniência e não, propriamente, de uma política estrategicamente pensada e construída, apesar dos trémulos conselhos da ala mais jovem do regime.

Salazar não seria, porém, homem para dar suficiente importância ao desporto e ao futebol e perder tempo na promoção e controlo de uma política especialmente desenhada para usar um ídolo negro como suporte de um estado multirracial. Tanto mais que as primeiras hesitantes tentativas, dirigidas a Mário Coluna, o capitão moçambicano da seleção portuguesa e líder da equipa campeã europeia do Benfica, foram abandonadas porque a polícia política encontrara relações demasiado perigosas entre a esposa do grande jogador e elementos dos movimentos de libertação das colónias portuguesas, o que tornava Mário Coluna alvo da maior desconfiança política.

Há uns meses, tentei abordar o tema numa entrevista que o professor Adriano Moreira me concedeu. Nos mesmos anos em que o Benfica se sagrava campeão europeu de futebol, Adriano Moreira

abraçara, com a surpresa dos mais intolerantes do regime, a importante pasta de ministro do ultramar do governo de Oliveira Salazar. Era necessária uma nova visão nacional para África atendendo a que eclodira a guerra de libertação em Angola e Salazar decidira escolher um ministro jovem, com ideias inovadoras, sem pôr em causa o essencial. Adriano Moreira parecia-me, pois, a pessoa ideal para me esclarecer dessa dúvida pertinente e à qual nenhum historiador conseguiu, ainda, responder com objetividade.

No seu gabinete da Academia das Ciências, onde ainda trabalha diariamente, o professor, amavelmente, e com um talento digno de Mané Garrincha, fintou a questão, fintou-me a mim próprio e não me esclareceu sobre o grau de intencionalidade política do governo português no aproveitamento dos jogadores africanos, como um grande desígnio nacional do regime. Provavelmente, admito-o agora, nem ele saberá a resposta.

Interessante será porém verificar que, antes de Eusébio sair de Moçambique, já um jogador negro marcara lugar na história do desporto português. O seu nome: Guilherme Espírito Santo. Foi o primeiro jogador negro do Benfica, campeão nacional de futebol, de salto em altura, salto em comprimento, triplo salto e viria a ser também o primeiro jogador negro da nossa seleção nacional de futebol, estreando-se a 28 de novembro de 1937, e logo na primeira vez que Portugal venceu a Espanha, num jogo, aliás, não oficializado pela FIFA que não reconheceu a seleção espanhola como uma seleção nacional, mas, apenas, uma seleção franquista.

Como curiosidade maior, assinale-se que, em Inglaterra, o primeiro negro a chegar a uma seleção nacional de futebol foi Laurie Cunningham. Entrou na seleção de sub-21, em 27 de Abril de 1977, e chegaria à seleção A a 23 de Maio de 1979. Um ano antes, porém, outro jogador, Viv Anderson, defesa do Nottingham Forest, entrava na história do futebol inglês tornando-se o primeiro jogador negro titular na seleção.

Ou seja: a Inglaterra teve o seu primeiro jogador negro numa equipa nacional de futebol 40 anos depois de Portugal!

Cunningham viria a ser o primeiro jogador inglês a ser contratado pelo Real Madrid e morreria precocemente num acidente de viação com, apenas, 33 anos de idade.

Vale também a pena passar rapidamente pela realidade americana no que respeita à inclusão de atletas negros no desporto profissional.

Earl Lloyd, que jogava no Washington Capitols e era conhecido por «Big Cat» foi o primeiro basquetebolista negro a jogar na NBA, o que aconteceu apenas em 1950. Porém, o caso mais emblemático da influência do desporto na luta pela igualdade de direitos raciais foi o do famoso Jackie Robinson, que rompeu a barreira da cor a 15 de Abril de 1947, ao conseguir chegar à Major League de basebol depois de uma insistente luta. Robinson era já um ídolo no seu clube, o Brroklyn Dodgers, e viria a ter a preciosa ajuda de um dirigente branco e católico que defendeu, arduamente, a sua entrada na Liga profissional. Hoje, Jackie Robson está presente na história americana do século XX, ao lado de homens como Martin Luther King Jr., na luta pela igualdade de direitos.

Em Portugal, também não era, apenas, o futebol que marcava a relação política do regime com o desporto. Exemplo não menos significativo foi o do hóquei em patins. Algumas equipas africanas, de Angola e de Moçambique, sagraram-se campeãs nacionais de uma modalidade que, ao tempo, merecia entusiásticas transmissões diretas da rádio e que muito excitavam os portugueses. A África de língua portuguesa tinha, então, grandes jogadores e Moçambique tomou conta, quase sozinha da seleção nacional que viria a sagrar-se campeã do mundo vencendo finais gloriosas à Espanha, com quem mantinha a maior rivalidade.

Havia, no entanto, um problema difícil de ultrapassar na oportunidade de aproveitamento político para efeitos internacionais, como sucedia com o futebol: O facto incontornável do hóquei em patins ser, então, apenas jogado por atletas brancos, a que se somava a diminuta dimensão internacional da modalidade, apenas marcadamente popular em Portugal, Espanha, umas poucas regiões de Itália e uma numerosa família suíça.

A DESCOLONIZAÇÃO PORTUGUESA

A revolução do 25 de abril, em 1974, que deu origem a uma súbita mudança radical na sociedade portuguesa, tudo transformou, implicando, também, uma descolonização abrupta.

Não é este, obviamente, local para abordar do ponto de vista histórico e sociológico a revolução que restituiu a liberdade e o regime democrático aos portugueses. Ela interessa-nos, no entanto, na essência do tema que aqui abordamos, pelo facto dessa descolonização, que os seus protagonistas consideram “a possível” e os seus críticos consideram “irresponsável”, ter tido, de facto, consequências muito traumatizantes nas relações que se seguiram entre Portugal, o país colonizador, e os países africanos, os países colonizados.

A independência de cada um desses países levou a cada sociedade que os integra uma manifesta necessidade de afirmação nacional e um forte ímpeto de afastamento da cultura, dos hábitos, de toda e qualquer influência portuguesa. Os primeiros anos de independência são ainda anos de ferida aberta e a escolha dos parceiros internacionais para o desenvolvimento não ajudou, bem pelo contrário, a sarar essas feridas.

A diplomacia portuguesa não tinha, pois, margem para agir e, em Portugal, os ininterruptos problemas internos, os desvios e os regressos à estrada próprios da revolução fizeram com que os portugueses não tivessem olhos para o que se passava lá fora. Mas um dia, talvez não muito distante, a História haverá de registar um facto essencial: terá sido o desporto que, lenta e serenamente, começou a estabelecer as primeiras pontes. O desporto e a língua portuguesa, que sempre continuou a unir povos, inclusive em cada país que precisava de se entender para além de todos os seus dialetos e culturas.

Apenas tinham passado cinco anos da data da independência de Moçambique, quando o Belenenses foi convidado a visitar o país, naquela que foi a primeira presença oficial de uma equipa do futebol português nas suas antigas colónias.

Havia, na comitiva portuguesa, um clima de nervosa expectativa, mas a verdade é que o Belenenses seria recebido em ambiente de surpreendente amizade, às vezes, até mesmo de euforia.

Alguns dos seus jogadores, como foi o caso do atual subdiretor de A BOLA, José Manuel Delgado, que me testemunhou essa sua extraordinária experiência de vida, andaram com a camisola da seleção nacional portuguesa pelas ruas de Maputo e eram abordados em ambiente festivo e sem qualquer incómodo das autoridades.

Poucos anos depois, eu próprio estive a Luanda, em cobertura jornalística de um torneio de andebol, num tempo difícil de guerra civil, e atrevi-me, mesmo, a passar a fronteira de segurança à capital angolana para uma zona controlada pela Unita. O grupo, onde também seguia um dirigente de andebol do Benfica foi mandado parar e controlado por uma milícia militar desse movimento, que nos deixou seguir sem qualquer incidente grave, depois do referido dirigente ter oferecido alguns emblemas do clube.

Em 1986, por altura do Mundial de futebol, no México, os portugueses viviam a euforia da primeira qualificação portuguesa para um Campeonato do Mundo, vinte anos depois da qualificação dos «magriços». Entretanto, nos países africanos de língua portuguesa a curiosidade aumentava e o interesse pelos jogos e resultados de Portugal tornava-se publicamente notado. Depois da vitória portuguesa no primeiro jogo, com a Inglaterra, um jornal moçambicano abriu toda a sua primeira página com este título politicamente incorreto: “Grande Vitória da Seleção Nacional”.

Vinte e dois anos após a independência de Moçambique, acompanhei, como convidado, a comitiva do então presidente Jorge Sampaio, em viagem oficial a esse país. Jorge Sampaio, ao contrário de muitos outros políticos nacionais e internacionais, que continuam a ter uma atitude de preconceito para com o desporto, sempre teve uma sensibilidade especial para entender o desporto como uma ponte privilegiada entre os povos. Levou com ele ex-futebolistas moçambicanos. Entre eles, Eusébio, Hilário, Vicente (o irmão do grande Matateu), Acúrsio, ex-hoquista e ex-guarda redes do FC

Porto. Num fim de tarde, numa receção oferecida pelo Presidente Chissano no Hotel Polana, o desporto foi o tema dominante e o presidente moçambicano fez questão de ser fotografado com os ex-futebolistas que continuavam a ser ídolos no seu país.

A explicação de toda esta aparente incongruência histórica não nos parece assim tão complexa. A maioria dos líderes africanos da guerra de libertação tinha uma relação muito forte com o desporto português e, em especial, com o futebol. Muitos deles foram praticantes de diversas modalidades durante a juventude passada em Portugal. Foi, por exemplo, o caso de Amílcar Cabral, que o próprio Nelson Mandela considerava ter sido o maior líder africano de todos os tempos.

Amílcar Cabral tinha sido, na sua juventude, secretário do Boavista Futebol Clube, na Ilha de S. Vicente e, durante o seu tempo de estudante de agronomia, em Lisboa, adorava fazer desporto e chegou a poder provar os seus excecionais dotes para o atletismo e para o futebol.

Manuel Alegre, que o conhecera bem em Argel e tinha sido seu amigo, contou um dia:

«Amílcar Cabral era um homem com grande sentido de humor. Ele dizia que o seu maior desejo era ter sido ponta esquerda do Benfica».

No tempo da guerra, a própria Frelimo formou uma equipa de futebol que incluía vários dirigentes e que se chamou Frelimo All Stars Football Club. Nessa equipa jogavam homens bem conhecidos dos portugueses como Joaquim Chissano, Samora Machel e Eduardo Mondlane.

Por cá, em 1972, o campeão nacional em atletismo, de origem angolana, Barceló de Carvalho, era perseguido pela polícia política e obrigado a fugir do país. Regressou a Portugal depois do 25 de Abril e continuou a ter grande sucesso como cantor popular, com o nome de Bonga. Chegou mesmo a ser o primeiro músico africano a ter um disco de ouro e outro de platina em Portugal.

Durante os anos que se seguiram à independência, figuras conhecidas do desporto português, mas africanos de origem, regressaram aos seus países e trabalharam pelo desenvolvimento social, económico e político nas suas terras. Homens como Rui Mingas, conhecido campeão nacional de atletismo, atleta do Benfica, que foi ministro em Angola antes dos graves acontecimentos que levaram a uma trágica luta interna pelo poder no MPLA; ou como o general França N'Dalo, conhecido futebolista do Sporting e da Académica, considerado herói angolano na luta de libertação, hoje, um homem de grande influência no poder político de Luanda.

Em Moçambique, na Guiné, em Cabo Verde, dezenas e dezenas de atletas que tiveram destaque no desporto em Portugal assumiram funções importantes nas novas sociedades desses países africanos e tiveram, mais tarde, contributos decisivos no degelo das relações com Portugal.

O caso de Timor-Leste não é menos significativo. Se há líder político comprometido com a luta pela independência do seu país e apaixonado pelo futebol português, é Xanana Gusmão. Foram várias as manifestações públicas de Xanana na sua relação íntima com o futebol português e com o Benfica.

Mais recentemente, na morte de Eusébio, Xanana fez questão de assinalar que «o pantera negra foi também uma grande referência para todos os timorenses, não só pelo seu espírito e dedicação enquanto desportista, mas também pelas suas excepcionais qualidades humanas».

Xanana e Eusébio conviveram em muitos momentos, mas o mais cativante para os timorenses foi quando Eusébio se deslocou a Dili integrado numa missão de solidariedade «Uma bola por Timor» tendo distribuído milhares de bolas de futebol por jovens timorenses apaixonados pela modalidade.

No dia da morte de Eusébio, Xanana, então primeiro ministro de Timor proclamou:

«Eusébio não morreu nas nossas memórias»

Também o prémio Nobel da Paz, Ramos Horta, manteve, ao longo da sua vida, uma conhecida proximidade ao desporto português e, em especial, ao futebol. Antes do Campeonato do Mundo do Brasil, Ramos Horta deslocou-se à Guiné-Bissau na qualidade de representante especial do secretário-geral das Nações Unidas e informou, perante a enorme satisfação do governo guineense que, pela primeira vez na sua história, o povo da Guiné-Bissau iria poder assistir às transmissões diretas dos jogos de um Campeonato do Mundo de futebol. Em doze localidades do país foram então montados écrans gigantes para as transmissões dos jogos do Mundial do Brasil.

Valerá também a pena falar de Macau. Já depois da transição pacífica, que tornou Macau numa das regiões especiais da República Popular da China, em dezembro de 1999, os macaenses receberam com manifesta simpatia a seleção nacional portuguesa para um estágio de preparação, antes da sua participação no Campeonato do Mundo de futebol de 2002, e muitos estiveram, mesmo, a apoiar a seleção nacional, no jogo particular que realizou contra a República da China.

Também já depois da mudança política, Macau recebeu com entusiasmo e até com orgulho os Jogos da Lusofonia. Num acordo celebrado com o Governo de Macau, o jornal A BOLA foi impresso na Região, com uma edição especial, em português, e que incluía um suplemento diário sobre os Jogos.

Uma última nota curiosa, sobre Goa. O território foi integrado na União Indiana em 1961, após um ato militar hostil que Salazar nunca aceitou legitimar. Mas a cultura portuguesa marcara para sempre a região e o futebol continua a ser, ainda hoje, o desporto com mais adeptos e mais interesse popular, que marca notável diferença na cultura desportiva da grande maioria do povo indiano.

Clubes com nomes portugueses, como o Sporting Clube de Goa e o Vasco da Gama continuam a participar no campeonato de futebol da primeira Liga e no centro de Panjim, a capital, ainda existe a pequena loja que sempre se afirmou como delegação do Sporting Clube de Portugal.

O que importa, verdadeiramente, aqui testemunhar é que o desporto e, em especial, o futebol nunca deixou de ser um decisivo fator de aproximação e, do meu ponto de vista, juntamente com a língua portuguesa, os dois fatores fundamentais na reconstrução de uma relação fraterna entre os povos, mesmo antes de ser politicamente mais aberta entre os órgãos institucionais de poder.

Em África, mesmo no tempo em que os nomes dos clubes portugueses de futebol foram recusados na nomenclatura dos campeonatos desportivos oficiais, nunca esses clubes perderam adeptos e nunca o futebol português deixou de interessar o povo africano. A prova disso foi o assinalável crescimento das audiências, na África de língua portuguesa, das transmissões diretas dos jogos de futebol do campeonato português, o que, ainda hoje, não deixará de impressionar qualquer cidadão nacional que se desloque a Luanda, a Maputo ou à Cidade da Praia e assista a qualquer um desses jogos, numa televisão de esplanada pública.

Na última semana, em visita oficial a Portugal, o Presidente da República de Cabo Verde, Jorge Carlos Fonseca, fez questão de visitar o jornal A BOLA, o que, naturalmente, muito nos honrou, tanto mais que a visita foi feita com o pretexto de sublinhar o reconhecimento da importância do jornal nos países africanos de língua portuguesa.

Em conversa descontraída, o Presidente assumiu-se, sem qualquer hesitação, como sendo, desde sempre, um fervoroso adepto do Benfica e confessou continuar a acompanhar o futebol português em pormenor.

Também na sua última visita a Portugal, o Presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos, nos fez saber do seu interesse em receber o jornal A BOLA todas as manhãs para, durante o pequeno-almoço e antes das missões oficiais de cada dia, poder acompanhar as novidades do FC Porto, seu clube de sempre.

É evidente que o futebol tem uma presença de uma importância incontornável na relação entre os povos lusófonos. Uma presença e uma influência que não podemos, nem devemos diminuir. Mas

também é verdade que existem outros fenómenos em outras áreas de desporto igualmente dignos de registo.

Carlos Lopes e Rosa Mota, no atletismo, os mais mediáticos internacionalmente. Sobretudo no caso de Rosa Mota foi-me possível testemunhar a sua enorme popularidade em regiões tão longínquas como Macau ou Goa. São verdadeiros embaixadores do povo português e, sinceramente, não sei se o poder político, em Portugal, tem inteira consciência do que estas grandes figuras do desporto nacional representam na imagem internacional do seu país e do seu povo.

Mais recentemente, Nuno Delgado e Nelson Évora, qualquer um deles medalhado Olímpico por Portugal, mas com reconhecidas e orgulhosamente assumidas raízes cabo-verdianas. Homens que, tal como acontecia com Eusébio, são símbolos emblemáticos, numa curiosa manifestação de partilha de um património desportivo que não reconhece fronteiras, nem raças.

Ou, numa visão inversa:

Maria Mutola e a simpatia que causava nos portugueses sempre que corria e conquistava grandes sucessos para Moçambique.

A seleção de futebol de Angola que se qualificou para o Mundial de 2006 ou a de Cabo Verde, que tem conseguido excelentes resultados nos Campeonatos Africanos de Futebol.

Atrevo-me, pois, a dizer-vos, com o conhecimento da experiência vivida e com a convicção possível num quadro histórico que, admito, possa ainda precisar de maior distância para mais rigorosa análise, que não é fácil encontrar, no mundo, maiores e mais claros exemplos de uma influência positiva – diria, mesmo, decisiva - do desporto naquilo a que podemos chamar um fraternal reencontro entre um país ex-colonizador e países e territórios, por si, antes, colonizados.

E mesmo nos momentos – que os houve - em que os poderes políticos se confrontaram e se afrontaram seria capaz de afirmar que nunca esses poderes conseguiram verdadeiramente arrastar os povos para a diferença, nem sequer para a indiferença.

CONCLUSÃO

Chego, enfim, ao que vos queria anunciar:

O desporto e a língua são, a meu ver, os elos mais fortes de uma comunidade geográfica e politicamente diversa, com mais de 200 milhões de habitantes espalhados pelo mundo. E esses elos são os maiores responsáveis por nem os homens, nem os deuses da História os terem, alguma vez, conseguido separar.

Deve, pois, ser este, um tempo histórico de reconhecimento. Antes e depois da descolonização, o desporto não tem sido apenas fundamental na relação fraternal entre as comunidades de língua portuguesa. Trata-se bem mais do que isso. O desporto tem sido fundamental na identidade plural, aberta, tolerante à diferença, dessas comunidades, tornando-as sensíveis a valores humanos e a princípios de igualdade, onde as diferenças de raça, de religião, de tradições, de cultura não são um obstáculo, mas, antes, a razão da consciência coletiva daquela que será a maior consagração do género humano: a heterogeneidade. A diferença.

É isso que tem feito o desporto, nessa relação única entre os povos dos países de língua portuguesa.

Não apenas a tolerância do direito à diferença, mas, bem mais do que isso, a grande celebração dessa diferença.

Considero, pois, que essa relação de envolvimento emocional, talvez até sensual e sentimental, que o desporto desperta no fascinante universo dos povos da lusofonia tenha sido decisivo para, pelo menos no último século da nossa História comum, se consolidar um novo tipo de reconhecimento da igualdade do Homem negro na sociedade portuguesa, ajudando também a acelerar um clima de confiança entre os povos, o que viria a ter, mais tarde, consequências e influências positivas na reabilitação da relação entre estados, diluindo, de forma decisiva, os atritos sociais e políticos que se formaram pela natureza fraturante da descolonização.

Peço-vos humildemente desculpa da provável insensatez de não considerar a importância do tempo moderno. De não ter tido a noção do equilíbrio possível entre a vossa generosa atenção e a

minha paixão pelo tema que, em alguns meios, bem o sei, pode despertar a maior inquietação.

Peço, enfim, desculpa por ter partido em viagem, sem a noção da lonjura.

Porém, neste dia em que o mundo comemora o desporto como fator importante para o desenvolvimento e para a paz, gostaria de vos declarar que me sinto com o irrecusável direito a sonhar com um outro dia, no futuro, em que o exemplo do desporto português se tornará universalmente conhecido e o mundo inteiro seja então, capaz de compreender que a descolonização portuguesa, mesmo tendo sido dramática para alguns, só não foi trágica para a História por culpa do desporto e dos homens que o amam.

E também por culpa de uma língua portuguesa que nos fez entender, por palavras, o que já todos, antes, pressentíamos pelo coração.

Essa mesma língua portuguesa à qual Vasco Graça Moura abraçava de forma tão especial, apesar do seu destroçado «lamento», ao dizer-nos:

«Não és mais do que as outras, mas és nossa, e crescemos em ti...»

Ficha Técnica

Autor
Vitor Serpa

Coordenação e Revisão
Rita Nunes

Design e produção gráfica
Estrelas de Papel Lda. – Lisboa

Tiragem
1000 exs.

ISBN: 972-98307
Depósito Legal: 386860/15
Dezembro 2015

TÍTULOS ANTERIORES

1. A sustentabilidade competitiva do desporto português
2. O desporto e o constrangimento demográfico
3. Programa de preparação Olímpica
4. Desporto, crescimento económico e emprego
5. A Igualdade de género no desporto



Patrocinadores:

REN

desde 1944
abreu

SAMSUNG



DB SCHENKER

JOMA®

Salsa